

A GEOGRAFIA IBERO-AMERICANA NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: balanço crítico e desafios

 Eveline Algebaile¹

 Floriano Godinho de Oliveira²

 Miriam Zaar³

 Regina Tunes⁴

O Grupo Internacional Geocrítica foi criado na Universidade de Barcelona, nos anos 1990, e se constitui como um dos maiores fóruns de discussão sobre a produção científica no campo da geografia humana e demais ciências sociais, instituindo um debate de amplo espectro e absorvendo em seu interior múltiplas correntes de pensamento crítico, de várias matrizes do pensamento sociológico e geográfico, marxista e não marxista. Sua especificidade maior foi a reunião de pesquisadores da língua latina ibero-americanos, especialmente o castelhano e o português, ainda que frequentemente com a presença de geógrafos franceses e italianos.

O grupo se estrutura sobre a experiência de organização Geo Critica Cuadernos Críticos de Geografía Humana, em 1976, coordenada pelo Professor Horacio Capel, que publicou mais de cem números entre os anos de 1976 a 1994, oferecendo grande contribuição aos cientistas sociais sobre o pensamento geográfico e com temas como o ensino de geografia, geografia urbana, geografia histórica e cultural, e geografia econômica. Originalmente, toda a concepção que orientava o trabalho de organização do grupo e da revista por Horacio Capel foi a de oferecer uma abordagem “crítica de las concepciones teóricas dominantes en la geografía, la utilización de la ciencia geográfica como herramienta crítica frente a la realidad social y el desarrollo de ‘otra’ geografía fruto de la creación colectiva y de la discusión rigurosa”.

Seguindo a tendência das novas formas de comunicação instituídas pela internet, Horacio Capel orientou a criação do Portal Geocrítica, em 1996, ampliando significativamente o alcance das publicações e da ação do grupo. A Revista Geo Crítica deu lugar à novas publicações, como as revistas Scripta Nova - Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales (março de 1997), Biblio 3W - Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales (novembro de 1996) e Ar@cne – Revista Electrónica de Recursos en Internet sobre Geografía y Ciencias Sociales (1997).

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.

³ Grupo Geocrítica Internacional, Barcelona, España.

⁴ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, Brasil.



A partir dos trabalhos publicados nas revistas e da atuação da numerosa equipe de investigadores que se dedicavam ao Portal, foi organizado, em 1999, o I Colóquio Internacional de Geocrítica. Os Colóquios Internacionais de Geocrítica, dirigidos e organizados pelo Professor Horacio Capel, foram/são um momento de encontro presencial dos membros do Grupo Internacional Geocrítica e, desde sua primeira edição, reúne investigadores europeus e latinoamericanos para o debate de temas emergentes e de interesse do pensamento crítico.

Inicialmente, o evento foi realizado anualmente, tornando-se bianual a partir de 2008, intercalando-se com o Simpósio Internacional de História da Eletrificação, também organizado em escala ibero-americana, a partir de 2012. As edições do Colóquio Internacional de Geocrítica ocorreram em Barcelona (1999 a 2004), Santiago do Chile (2005), Cidade do México (2006), Porto Alegre, Brasil (2007), Barcelona (2008), Buenos Aires, Argentina (2010), Bogotá, Colômbia (2012), Barcelona (2014, 2016 e 2018), e estava sendo organizado para ocorrer também em São Paulo, em 2020, mas foi cancelado devido à pandemia da Covid-19. Em todos os eventos realizados, os trabalhos foram divulgados por meio de publicações de atas, livros eletrônicos e dossiês na Revista *Scripta Nova*. Os Simpósios Internacionais de História da Eletrificação ocorreram em Barcelona (2012 e 2017), São Paulo, Brasil (2013), Cidade do México (2015) e em Évora, Portugal (2019), em que os trabalhos foram publicados em forma de atas e livros eletrônicos.

Os intercâmbios possibilitados pelos Colóquios têm fortalecido os vínculos internacionais entre as Universidades e os pesquisadores envolvidos na sua organização, realização e difusão, possibilitando aprofundar temas debatidos, organizar investigações interinstitucionais, promover projetos editoriais e organizar redes de pesquisa com grande impacto no desenvolvimento de investigações e de formação acadêmica. A participação de Horacio Capel como coordenador internacional, junto a outros membros do Grupo Geocrítica, no projeto do Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH) da UERJ no âmbito do Programa de Internacionalização Capes-Print, bem como o fortalecimento da Rede Latino Americana Espaço e Economia (ReLAEE), são exemplos expressivos dos resultados dessa sólida interlocução. A articulação entre o PPFH e os departamentos e institutos de Geografia da UERJ e da UB permitiram a decisão do Grupo Geocrítica de que a UERJ sediasse pela primeira vez uma edição do Colóquio Internacional de Geocrítica.

A XVII edição do Colóquio recuperou a trajetória de organização dos eventos, interrompida em 2018, e teve como objetivo reestabelecer elos acadêmicos e promover o reencontro dos membros do Grupo Geocrítica Internacional. Mais uma vez o Colóquio se constituiu em um espaço de reflexões centradas na análise da realidade, de caráter multidisciplinar e com significativa relevância para a área de Ciências Humanas e Sociais, propondo-se a: contribuir para a formação de graduandos, pós-graduandos e professores ibero-



americanos; promover a socialização de pesquisas, da iniciação científica à pós-graduação; proporcionar o debate das políticas públicas em suas implicações territoriais, aproximando universidade, sociedade civil e poder público; aprofundar os vínculos entre os pesquisadores brasileiros, ibéricos e latino-americanos; fortalecer o Grupo Geocrítica Internacional, com a colaboração de geógrafos e cientistas sociais da comunidade ibero-americana.

Com esse propósito, o XVII Colóquio reuniu um grande número de pesquisadores ibero-americanos, o que, em si, significa uma importante contribuição à produção científica no campo da Geografia e Ciências afins, em sua perspectiva crítica, considerando-se a oportunidade de interlocução nacional e internacional orientada para o aprofundamento de temas importantes para a produção do conhecimento.

Face à circunstância especial de retomada da realização dos encontros, a XVII edição do Colóquio teve algumas modificações importantes. Historicamente, todas as mesas de debate eram compostas por apresentações de trabalhos selecionados a partir da submissão de propostas. A seleção dos textos ficava a cargo do Comitê Científico do Colóquio, presidido pelo Professor Horacio Capel. Desta vez, as mesas foram compostas por membros do Grupo Geocrítica, por pesquisadores convidados e por autores de trabalhos selecionados.

Foram delineadas 13 mesas redondas e uma mesa de abertura. Na mesa de abertura, na qual tradicionalmente o Professor Capel fazia a conferência magna, optou-se pela realização de palestras proferidas por quatro fundadores do Grupo Geocritica, que nele atuaram de forma central nos últimos 25 anos: a Professora Miriam Zaar e os Professores Pedro Fraile, José Omar Moncada e Jerónimo Bouza.

As mesas tiveram o objetivo de debater temas de destaque em colóquios anteriores e temas emergentes que estavam sendo trabalhados pelos membros do Grupo no contexto ibero-americano, resultando na seguinte organização temática:

1. Redes técnicas, indústria e território, visando debater as implicações territoriais da expansão e implantação de redes técnicas em territórios, ampliando as condições de circulação do capital nas escalas local e global. Esse debate envolve as redes de transportes, energias, telecomunicações, portuárias, de água e de esgotamento sanitário, dentre outras, considerando-se seus nexos com as atividades produtivas e suas implicações territoriais.
2. O ensino de geografia e a necessária complementaridade entre a pesquisa acadêmica e a inovação escolar, uma proposta com vistas a debater a formação docente e o ensino de geografia no contexto ibero-americano, destacando-se a relação que existe entre os



problemas da vida cotidiana e os conteúdos escolares, bem como o desenvolvimento de metodologias que estudem problemas sociais relevantes para mostrar a utilidade do saber geográfico escolar.

3. Migrações e precarização do trabalho, buscando debater questões que envolvam precarização das condições de vida, assim como estratégias coletivas desenvolvidas como enfrentamento às múltiplas precarizações, expulsões e restrições impostas, tendo em conta temas que possam contribuir para a explicação geográfica das migrações e da organização social do trabalho no século XXI.
4. Geografia física crítica e injustiça ambiental em territórios ibero-americanos, uma proposta que enfatiza a superação do reducionismo associado ao desenvolvimento em separado (dicotômico) da Geografia Física e Humana, mostrando que os desastres sicionaturais, as emergências climáticas e hídricas e a degradação das paisagens naturais contribuem para a ocorrência de eventos extremos que causam milhares de vítimas e enormes perdas materiais, aumentando os níveis de segregação e pobreza no campo e nas cidades.
5. Ecologia política, propondo, no mesmo sentido da mesa anterior, o debate sobre o quadro contemporâneo de financeirização, de dilapidação da natureza, de economia destruidora e de sustentabilidade corporativa que demanda a reflexão sobre alternativas capazes de propiciar um (re)encontro sociedade-natureza e outro desenvolvimento orientado pela construção de uma sociedade justa e equânime.
6. A ação humana e a mudança climática, mesa que, ainda tendo como eixo central a relação sociedade e natureza, buscou enfrentar o debate sobre o aquecimento global e o surgimento de desafios teóricos e aplicados que podem ser sintetizados na indagação sobre como frear/diminuir as mudanças climáticas.
7. Capitalismo digital, modelos de desenvolvimento e território, mesa voltada aos desafios conceituais, metodológicos e de planejamento territorial, envolvendo a identificação das formas mais desenvolvidas de sua manifestação, como as redes sociais, as plataformas digitais, as apps e a inteligência artificial, e os cenários emergentes desestruturantes, tanto para vivê-los como para estudá-los e compreendê-los, devido ao salto de escala, complexidade, profundidade e velocidade da metamorfose em curso.



8. Espaços vividos, espaços sentidos: afetos, atmosferas e práticas artísticas, mesa dirigida à discussão de referências analíticas que podem elucidar as experiências constitutivas dos nossos ambientes, desde os mais íntimos até os públicos, considerando como estes se entrelaçam com as práticas artísticas para moldar a nossa compreensão do mundo e contribuir com novas perspectivas para a compreensão da nossa relação com o meio.
9. O espaço urbano: a economia política do espaço, da cidade e da urbanização, mesa que buscou abordar, em uma perspectiva crítica, as conquistas, perdas, conflitos e contradições implicados no processo de produção do espaço urbano, tendo como premissa que a produção do espaço-mercadoria envolve uma multiplicidade de agentes, entre os quais o Estado capitalista e as diferentes frações do capital, as quais possuem diferentes hierarquias de poder e interesses.
10. Transformações e permanências em espacialidades centrais das cidades: entre processos de gentrificação e lutas de movimentos sociais, destacando que as transformações urbanas contemporâneas nas espacialidades centrais das cidades vêm atingindo fortemente o cotidiano dos moradores e trabalhadores, muitas vezes inviabilizando a sua permanência e imprimindo processos de gentrificação.
11. Fragmentação socioespacial e urbanização contemporânea, mesa cujo objetivo principal foi compreender como a lógica socioespacial fragmentária altera o conteúdo da diferenciação e das desigualdades, redefinindo práticas espaciais e, portanto, modos de realização e apropriação do espaço e do tempo cotidianos. Para aprofundar os temas sinalizados foram consideradas cinco dimensões empíricas a partir das quais o processo de fragmentação socioespacial pode ser analisado: habitação, trabalho, consumo, lazer e mobilidade;
12. Indústria-mundo: as novas geografias dos sistemas produtivos, em que se destacou o fato de que as atividades industriais sofreram forte dispersão na escala mundial e promoveram transformações profundas na organização do trabalho, nos modelos produtivos, nas lógicas de competitividade e de cooperação empresariais e na reestruturação dos sistemas técnicos de distribuição e consumo;
13. Vistas geocríticas da cidade e da paisagem, recuperando a revisão dos processos históricos de construção do espaço, como uma abordagem histórica nos Colóquios de Geocrítica., que refletem na estrutura e na forma das cidades, dos territórios e das paisagens.



Com essa estrutura, e mantendo a tradição de não haver mesas simultâneas, de forma a que todas as pessoas assistam a todas as apresentações, o Colóquio reuniu 359 participantes, entre pesquisadores, professores da educação básica e superior, e estudantes de graduação, mestrado e doutorado de dez países diferentes, sendo 6 latino-americanos (Brasil, Argentina, Chile, Colômbia, Equador e México) e 2 ibéricos (Portugal e Espanha), além da França e Itália.

Foram recebidas 135 submissões de textos, dos quais apenas pouco mais de 30% foram aceitos, o que possibilitou compor cada mesa com 8 comunicações e garantir que o tamanho do evento estivesse de acordo com o propósito de não serem realizadas mesas simultâneas. Ao todo, 103 pesquisadores apresentaram seus trabalhos no decorrer da realização das 13 mesas.

As apresentações foram seguidas de intensos debates, pois, seguindo a tradição dos Colóquios, todos os trabalhos enviados para a coordenação do evento, após a seleção, foram previamente publicados no site do XVII Geocrítica⁵, com cerca de um mês de antecedência à sua realização. Essa estratégia possibilita que os textos de interesses dos participantes sejam lidos previamente e, na ocasião de sua apresentação no Colóquio, debatidos com maior conhecimento. Portanto, os trabalhos que ora apresentamos já tiveram um primeiro momento de avaliação e puderam ser revistos após os debates, integrando, agora, este dossiê e dois volumes de livros, com coletâneas de textos do Colóquio, publicados na forma de e-book.

Durante o XVII Colóquio, como já sinalizamos, foram realizadas 103 apresentações. Desse total, 34 são apresentações dos membros do Grupo Geocrítica, que assumiram o papel de coordenadores das mesas e elaboraram as propostas de ementas para cada um dos temas debatidos. Evidentemente, esses investigadores tiveram papel preponderante na definição da composição de cada sessão. No processo de discussão e elaboração das ementas, os coordenadores também identificaram pesquisadores que poderiam contribuir com a discussão dos temas e os convidaram diretamente para integrarem as mesas. Assim, o Colóquio recebeu 23 pesquisadores convidados, a maior parte vinda do exterior, de países ibero-americanos, além de França e Itália. Só após esse primeiro momento, de delineamento e composição das mesas, foi aberto o processo seletivo para trabalhos, resultando na seleção de 46 trabalhos de um total de 135 submissões.

Esse conjunto de mesas e comunicações expressa os esforços da coordenação e dos participantes do evento na construção de um painel de debate que desse presença tanto às questões aprofundadas no decorrer da história de interlocução do grupo, quanto aos temas atuais que se apresentam como desafios fundamentais para a investigação, o debate e a ação.

⁵ Disponível em: <https://coloquiogeocritica.com.br/programacao/>



Assim, chegamos ao ponto de apresentar à comunidade científica o resultado mais imediato desse esforço coletivo de produção do conhecimento, com o lançamento de um dossiê, publicado na revista GeoUERJ⁶, e de dois livros, que serão publicados no formato e-book e disponibilizados também gratuitamente em PDF no site do XVII Colóquio e no Portal Geocrítica⁷.

O Dossiê seguirá a tradição dos Colóquios de Geocrítica de publicar os trabalhos apresentados em um periódico de grande impacto no campo das ciências sociais e com reconhecimento nos maiores indexadores nacionais e internacionais. Este dossiê é integrado por trabalhos apresentados pelos membros coordenadores do Grupo Geocrítica e pelos pesquisadores convidados, em cada uma das mesas. Para facilitar a exposição dos textos correspondentes, realizamos uma nova agregação por quatro campos temáticos.

O primeiro bloco de textos reúne os artigos apresentados nas mesas 2, 3 e 8, enfatizando aspectos relacionados ao ensino, trabalho e espaços vividos. São três campos complexos de investigações em que se destacam mudanças importantes na conjuntura atual: a educação e os novos recursos, inovações e práticas nos processos formativos; as mudanças nas formas de organização do trabalho e suas implicações na mobilidade urbana; novos processos de migrações presentes nesse novo cenário do capitalismo e os modos de construir novas formas de resistência, percepção e sentidos para o bem viver.

O segundo bloco é referido à questão ambiental, reunindo artigos das mesas 4, 5 e 6. Nele se destacam debates sobre os fenômenos sociais decorrentes das ameaças naturais e das vulnerabilidades socioeconômicas, a complexidade do cenário constituinte de uma ecologia política e as consequências das mudanças climáticas, em curso no mundo contemporâneo.

Segue um terceiro bloco com textos que procuram debater, como diria David Harvey, a “loucura da razão econômica”, ou como apontam Dardot e Laval, uma “nova razão do mundo”, ou, ainda, uma economia que se assemelha a um ornitorrinco, como nos mostrou Chico de Oliveira. Esse bloco reúne trabalhos das mesas 1, 7 e 12, enfatizando os novos padrões tecnológicos, responsáveis por dinâmicas contraditórias no capitalismo contemporâneo, seus efeitos sobre os sistemas produtivos e as alterações profundas nos mecanismos de circulação do capital e das redes técnicas de comunicação e transportes.

Por fim, fechando o dossiê, temos o eixo temático mais destacado historicamente nos Colóquios de Geocrítica: a questão urbana. Nesse bloco, integrado pelas comunicações apresentadas nas mesas 9, 10, 11 e 13, é encontrado, inicialmente, um potente debate teórico sobre a produção social do espaço sob a

⁶ Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj>

⁷ Disponível em: <https://coloquiogeocritica.com.br/>



perspectiva da economia política. Na sequência, encontram-se artigos com análises de práticas sociais e movimentos de resistência a formas históricas dominantes de mudanças das cidades e a processos de renovação recentes.

Cabe reiterar que a divulgação dos trabalhos apresentados no XVII Colóquio contará também com publicação em livro com dois volumes. Nesse caso, serão publicados não apenas os trabalhos selecionados para apresentação nas mesas, mas também outros trabalhos que foram selecionados, mas, devido à restrição ao número de participantes em cada mesa, não foram apresentados oralmente. Esses trabalhos, mesmo não tendo sido submetidos ao debate no Colóquio, passaram por uma avaliação crítica e um diálogo com os coordenadores das mesas, por meio dos pareceres emitidos.

O Livro 1 é integrado por 33 textos que apresentam discussões sobre os 5 primeiros temas discutidos no evento. Na primeira seção, estão presentes 15 textos que discutem o tema da circulação do capital e das redes técnicas, enfatizando aspectos relacionados à infraestrutura e bases logísticas dos diferentes modais de transportes e de mobilidade urbana. Na seção seguinte, encontram-se textos relacionados ao ensino da Geografia, em particular sobre as novas tecnologias e a questão ético-racial como abordagens necessárias para a compreensão dos desafios presentes nos processos formativos. A terceira seção conta com 5 textos que tratam da relação entre migrações e precarização do trabalho, abordando os temas mais destacados no capitalismo contemporâneo, como as formas de contratação do trabalho por aplicativos e a superexploração do trabalho. A seção quatro trás 4 textos sobre a abordagem teórica e empírica da geografia física crítica, termo amplamente debatido na mesa relacionada ao tema, em que se destacam avaliações sobre o uso espoliativo do território e da natureza. Por fim, como última seção do primeiro volume, são apresentados 6 textos sobre ecologia política, com discussões sobre as formas de apropriação da natureza que intensificam a devastação do ambiente. É importante salientar a diversidade de objetos de pesquisa, de recortes territoriais e de abordagens metodológicas que esses textos apresentam, evidenciando, por um lado, a profusão e riqueza da produção científica iberoamericana da área e, por outro, o compromisso em produzir um conhecimento socialmente crítico e que permita a reflexão e análise sobre as problemáticas da realidade.

O livro 2 apresenta mais 30 capítulos, formados por textos relacionados às mesas de 6 a 13 do evento. A seção 1, seguindo os passos das análises ambientais, é composta por 3 textos que abordam o tema das mudanças climáticas e da transição energética. A segunda seção conta com 3 textos que discutem aspectos relativos ao capitalismo digital, à plataformação das relações sociais e à organização de novas formas de trabalho e comércio. Segue a terceira seção de textos, com 5 artigos, em que os espaços vividos e sentidos através de afetos e produções artísticas são debatidos, destacando-se novos conceitos e formas de abordar o tema, por meio da noção de bem-viver. A seção 4 abre-se para o debate da questão urbana, em suas múltiplas



faces, apresentando 2 textos, que discutem a economia política do espaço. Segue a seção cinco, com 5 trabalhos que apresentam diferentes análises sobre as áreas centrais das cidades, discutindo os processos de gentrificação e as lutas dos movimentos sociais. A seção 6 possui 4 textos com análises dos processos contemporâneos de fragmentação socioespacial e urbanização. Já a seção 7, com 2 textos, aborda elementos da geografia da indústria contemporânea e, fechando o volume, a seção oito apresenta 6 artigos que tratam de perspectivas geocríticas da cidade e da paisagem.

Assim, apresentamos a todas as pessoas, pesquisadores/as, investigadores/as, estudantes e comunidade científica que acompanham a trajetória do Grupo Geocrítica Internacional, como também aos interessados nas ciências afins, o acervo dos debates teórico-metodológico e sobre o resultado de investigações que foram apresentadas, contribuindo, de uma forma em geral, para mais uma jornada de rica interlocução. Cumprimos, assim, os objetivos dessa edição do evento: promover o encontro de investigadores ibero-americanos do Grupo Geocrítica, amigos e amigas de longa data, incorporar jovens pesquisadores e oferecer à comunidade acadêmica um pouco da produção geográfica elaborada nesses últimos anos.

Desejamos muito boa leitura a todas as pessoas e os convidamos para a próxima jornada, que se realizará na Cidade do México, em maio de 2026.